

Informática para invisuais



É um facto que a Sociedade está construída para que o Homem utilize o sentido da visão na maioria das situações que tem de enfrentar. Embora os órgãos da audição se usem nalguns casos (telefone, rádio-recepção, dança, etc.), a evolução tecnológica tende a substituir os correspondentes meios de informação (tradicionais) por outros baseados no reconhecimento de imagens. O video surge como um poderoso instrumento de comunicação, enriquecendo-se pela combinação com o som.

Entre estas aplicações da imagieria, a informática representa uma importante oportunidade sob o ponto de vista profissional. A visualização no monitor de video facilita o diálogo homem-máquina durante a execução das múltiplas tarefas de exploração do respectivo sistema informático. No entanto existem modos diferentes de perceber a informação, por exemplo, com uma impressora. Ainda neste caso a leitura faz-se normalmente pela visão. Todavia não custa conceber um meio de registo táctil, em linguagem Braille, que permita aos cegos entender as respostas dos computadores. A vulgarização deste tipo de equipamentos tem consequências notáveis. Em primeiro lugar dá aos invisuais a possibilidade de trabalharem em informática, contribuindo para o desenvolvimento societal como qualquer outra pessoa. Depois facilita-se o acesso dos cegos à literatura, pois os computadores conseguem armazenar muito mais informação que qualquer biblioteca pessoal. Acima de tudo, abre-se um mundo novo de satisfação para os invisuais. O problema que se le-

vanta é o preço dos equipamentos e programas que dão tamanha felicidade. Julga-se no entanto que a proliferação destes produtos especiais, atingindo um mercado alargado, talvez venha a tornar bastante mais acessível a respectiva aquisição. Além disso, a própria sociedade deve criar condições sociais de acessibilidade a tão importantes interfaces para os invisuais, na educação ou na profissão e no lazer (aculturação).

Anunciam-se acções neste sentido, com vista a institucionalizar uma associação de cegos a nível nacional, pela fusão de três associações existentes (Associação Luis Braille, Associação do Norte de Portugal e Liga de Cegos João de Deus), e em planos de formação profissional na área da informática. Nesta dinamização encontram-se esforços desgarrados (ISEL e Associação Portuguesa de Inventores), a merecerem reprodução pelas universidades e institutos politécnicos (no quadro do Ministério da Educação) ou outros organismos públicos (LNETI ou JNICT) e privados (Gulbenkian ou Fundação Luso-Americana).

Da vivência que retenho encontro vários apontamentos de motivação para uma mais profícua conjugação de esforços. Um caso foi vivido a seguir ao doutoramento que me lançou definitivamente no universo da investigação científica e tecnológica: um Rotary Clube endereçou-me um convite para um dos seus jantares regulares, no qual me apercebi da sua estrutura como «grupo de convívio pluriprofissional» e que na ocasião me deixou conhecer os resultados de uma

acção dos seus membros na angariação de fundos para invisuais. Este exemplo mostra como podem ser diversas as entidades susceptíveis de participar na implementação de programas específicos de informática para invisuais. Logicamente, cabe aqui uma menção particular à Associação Portuguesa de Informática e outras associações profissionais afins, como seja a Associação Portuguesa para a Inteligência Artificial, cujos associados (especialmente as empresas) estão optimamente posicionadas para promoverem iniciativas frutuosas. Outra experiência pessoal, a pedido da firma Critex no ano passado, colaborei em três cursos de Tecnólogos, com uma disciplina de electrónica. Um desses cursos destinou-se a deficientes físicos, na sua maioria invisuais. A surpreendente atenção com que estes formandos seguiram a exposição oral, vincada nas perguntas de esclarecimento que fizeram, deu-me a maior alegria experimentada como docente ao longo de três décadas (em franco contraste com o interesse evidenciado pelos formandos dos outros cursos). O contentamento intensificou-se na expressividade dos rostos e na voz ansiosa dos invisuais quando vislumbraram nas potencialidades da electrónica a plausibilidade de um dia virem a criar imagens cerebrais por estímulos diferentes da luz, baseados em discriminadores digitais de cenas. A informática para invisuais é um passo concreto para a intensificação desse contentamento.

H. D.-R.